

## Tempo e espaço

Ricardo Alexino Ferreira\*

GOMES, M. B. *Um mapa, uma bússola: hipertexto, complexidade e eneagrama*. Rio de Janeiro: Miletto, 2001, 104 p.

O hipertexto é uma sinergia de vontades. É este o fio condutor do livro *Um mapa, uma bússola: hipertexto, complexidade e eneagrama*, de Marcelo Bolshaw Gomes, lançado pela Editora Miletto. Na verdade, trata-se de uma versão impressa de dois *websites* construídos na Internet pelo pesquisador, quais sejam: *Hipertexto e complexidade* ([http:// orbita.starmedia.com/~complexidade](http://orbita.starmedia.com/~complexidade)) e *Uma bússola complexa – o eneagrama como modelo de investigação do ruído* ([http:// coroa.tripod.com/eneagrama/](http://coroa.tripod.com/eneagrama/)). Neste sentido, o livro de Bolshaw constitui fruto da produção digital, contrariando, assim, o fluxo das produções editoriais que partem do impresso para o digital. Talvez, é aí que reside o início da compreensão de sua obra.

As duas partes foram produzidas independentemente. A primeira é a exploração da metáfora do *Tápete* – onde são analisados o sentido do conjunto, da totalidade e parte. A segunda é uma referência à dupla circularidade do tempo (progressiva e regressiva), através da mandala islâmica da estrela de nove pontas. No entanto, o próprio autor faz questão de afirmar que elas não são independentes uma da outra: “(...) os dois textos se completam de tal modo que até parece que foram escritos um para o outro”, afirma.

A essência da obra de Bolshaw está na compreensão do conjunto e das partes, agregados aí o conceito de hipertexto, que é colocado como um mapa dos tempos simultâneo e contínuo, vistos a partir de sua projeção social e no tempo.

Para explicar justamente o hipertexto, o autor se baseia na metáfora do *Tápete*, através do qual tenta explicar a relação entre todo e parte. Neste caso, o *Tápete* serve como metáfora justamente por ser um mapa, uma teia de redes e de agenciamentos simultâneos.

---

\* Professor da Universidade Estadual Paulista. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Edgar Morin, em sua obra *La complexité et l'entreprise*, em *Introduction a une pensée complexe*, citado por Bolshaw, já tecera referências analógicas e metafóricas entre o *Tapete* e a contemporaneidade:

“Consideremos um Tapete contemporâneo. Comporta fios de linho, de seda, de algodão, de lã, com cores variadas. Para conhecer esta tapeçaria, seria interessante conhecer as leis e os princípios respeitantes a cada um destes tipos de fio. No entanto, a soma dos conhecimentos sobre cada um destes tipos de fios que entram na tapeçaria é insuficiente, não apenas para conhecer esta realidade nova que é o tecido (quer dizer, as qualidades e as propriedades específicas de cada textura), mas, além disso, é incapaz de nos ajudar a conhecer a sua forma e a sua configuração.”

A partir de então, Morin constrói três etapas. Na primeira, da complexidade, afirma que um todo é mais que a soma das partes que o constituem. Na segunda etapa, o todo é menor do que a soma das partes. Na terceira, o todo é, simultaneamente, mais e menos que a soma das partes. Bolshaw, então, na tentativa de transportar o conceito do autor citado para o indivíduo, reconstrói as três etapas da complexidade ao colocar que “eu sou mais do que aquilo que falam de mim” (primeira etapa da complexidade); “eu sou menos do que aquilo que falam de mim” (segunda etapa da complexidade) e “eu sou mais e menos daquilo que dizem de mim” (terceira etapa).

A própria obra de Bolshaw trabalha com estas três partes, sob a forma de capítulos integrados. O primeiro recebe o nome de Tapete e trabalha o Eu como sistema complexo, construindo a Sintaxe, a Identidade e o Poder. No capítulo seguinte, o autor trata da Roda do Tempo, uma homenagem que faz a Carlos Castanheira, e dá a noção de roda do tempo ao sistema de interpretação da tradição esotérica tolteca, envolvendo a estrela de nove pontas, que é exatamente o eneagrama. Por fim, no último capítulo, *o Eixo e a Roda*, desenvolve o pensamento de Castanheira, entendendo que o aprendizado xamânico consiste em deslocar o ponto de aglutinação deste ponto para outros, viajando por diferentes dimensões e, sobretudo, consolidando uma consciência diferenciada em relação ao tempo/espaço, ou seja, uma vida cósmica: “A roda do tempo seria formada por vários ‘sulcos’ circulares, em que se poderia aprisionar o ‘ponto de aglutinação’ de energia. O centro da roda é o vazio, a totalidade, o infinito; e os sulcos, dimensões e percepções parciais.”

Este tipo de construção da complexidade é o que permite ao autor explicar e entender hipertexto e o tempo, a razão de ser do seu trabalho. E engana-se quem pensa que Bolshaw está apenas fazendo referência ao suporte Internet. “Hipertexto seria, independente de seu conteúdo temático ou suporte físico, uma maneira de mudar a forma das pessoas interagirem entre si e diante da autoridade. O hipertexto cria novos universos e enterra velhos paradigmas”, assegura. Ao mesmo tempo, o autor reconhece que o hipertexto está ancorado em três sentidos distintos. O primeiro, mais na visão geral, seria a de que é tido como texto em HTML (*Hypertext Markup Language*). Mas há também a concepção de que é um texto coletivo, que ele chama de hipertexto industrial (o texto jornalístico, por exemplo) ou multitexto (analogia de multimídia e hipermídia). Por fim, há a concepção de ver o hipertexto como o responsável pela interação entre o leitor e o discurso.

Para Bolshaw, esta terceira concepção é a que mais se aproxima de suas preocupações, haja vista que “(...) abarca tanto o essencial das mudanças tecnológicas (a interatividade) como a tradição literária sob a ótica da leitura e do receptor (e não de sua produção autoral ou maquínica). De forma que o hipertexto, com estrutura aberta de múltiplo sentido, é aquele texto que beira à polissemia e permite o máximo de interpretações.”

Ao tentar buscar a dinâmica desta teia de redes e de agenciamentos simultâneos, que ele classifica como o Tapete, com a Roda do Tempo envolvendo o eneagrama – uma forma de entender o próprio tempo, de como nos submetemos a ele, e de como as relações de poder e o sistema de diferenças sociais se produzem e reproduzem como estruturas espaço-temporais – o autor se baseia em princípios que transitam entre o esotérico e o arquétipo:

“Nosso objetivo não é apenas o de apresentar criticamente as diferentes interpretações esotéricas, psicológicas e tradicionais do eneagrama, mas principalmente de extrair delas elementos significativos para a construção do símbolo dentro do universo da cultura contemporânea e da teoria da complexidade (...) buscando construir um modelo matemático de complexidade (ao mesmo tempo linear e simultâneo) para a observação e simulação de processos comunicacionais, principalmente os que envolvem criatividade, autopoiesis e auto-organização.”

O livro de Bolshaw por vezes deixa o leitor confuso. Apesar de seguir rigorosamente o eneagrama (tudo no livro direciona para a estrela de nove pontas) como proposta de uma mandala cibernética, cria dificuldades para a compreensão mais profunda do sentido do eneagrama – algo ainda envolto no esoterismo.